JOSÉ LINS DO RÊGO

PRESENÇA DO NORDESTE NA LITERATURA

OS CADERNOS DE CULTURA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

I

A presença do Nordeste na literatura brasileira começa com as artes plásticas. Os padres que foram arquitetos, os pintores e santeiros de nossas igrejas, os que se acercaram da nossa natureza virgem para se exprimirem com admirável vigor, aí estão nos postais, nos ornamentos, nas pinturas, nos achados arquitetônicos ainda hoje tão reveladores de talento. O caju e o ananás que os mestres em talhe esculpiram em pedra e madeira mostram-nos o poder de uma arte que soube fugir da convenção dos moldes para firmar-se com originalidade. Antes que o mestiço de gênio de Ouro Prêto, no século XVIII, erguesse o maior monumento da arte colonial americana que é o barroco brasileiro de Minas Gerais, já padres e artífices paraibanos tinham procurado dar aos santos, às portadas, às pedras e às madeiras, um vivo caráter votivo. Pela fôrça plástica, nos meados do século XVII, o pintor Post, pela primeira vez na história das artes americanas, após a descoberta, penetrou na natureza brasileira, superando a curiosidade científica, para permanecer como verdadeiro criador.

O gênio flamengo, pela minúcia, pelo colorido, pela forma, iria descobrir nas árvores, no céu, nas águas, no povo do Nordeste, o quente de sua côr, a maravilha de sua luz, as ondulações de sua atmosfera. A primeira paisagem americana sentida por um europeu, em têrmos plásticos, sem as extravagâncias da mistificação de cronistas alvoroçados, saiu do Nordeste brasileiro. Entramos na história das artes com os engenhos, os crepúsculos de Post. O que havia em literatura antes de Post não era quase nada. Os flamengos da equipe Nassau fizeram a descoberta científica do Brasil e mesmo da América, pois o que há de boa investigação na época seriam as revelações dos Piso Barleus, etc. O que havia da curiosidade no Renascimento pela América do tipo das invenções dos Léry não se aproxima da experiência dos holandeses no Nordeste. Ali houve ciência, houve arte e sobretudo uma corajosa curiosidade de ver e de avaliar. Entrou o Nordeste na observação dos mestres de Nassau com aquela seriedade só atingida no século XIX pelo magnífico Saint-Hilaire, em terras do Sul. Os padres, com preferência os franciscanos, deixaram-se vencer pela originalidade silvestre de nossa vida vegetal e passaram às pedras e às madeiras o que sentiam como artistas. Depois viria o padre-mestre Jaboatão com as suas narrativas líricas do Orbe Seráfico. Muito mais tarde, em princípios do século XIX, o inglês Koster, como faria muito mais tarde Hudson na Argentina, penetrou na nossa vida, integrando-se nela a ponto de se transformar em "senhor de engenho" em Itamaracá. O seu livro de viagens, sem espécie al-

guma de ligeireza, de simples reportagem, de exotismo, está todo tocado de simpatia humana, de observações de sociólogo em expedição de campo. Vem assim dos padres-mestres e dos Post, a importância do Nordeste na história de nossas artes e literatura, de caráter universal. O que se fizera no Brasil até então só seria superado no século XVIII com a sabedoria de Alexandre de Gusmão e as maravilhas que nos daria o ouro das Minas Gerais.

II

O padre Antônio Vieira, ligado ao Nordeste pelos seus contactos com o Maranhão, trouxera para a sua prosa castiça as exuberâncias da terra nova. E Gregório de Matos, com a sua poesia angustiada, apesar de tôdas as suas repugnâncias pelo meio em que viveu, foi o poeta maior de uma época brasileira. Em Vieira e em Gregório de Matos entravam a agir as fôrças da terra. Serão coloniais como o gênio de Kipling em relação à língua inglêsa. Mas se quisermos ver com mais nitidez o Brasil, teremos que procurar as pedras das igrejas, os quadros de Post e a estátua do Aleijadinho. O Brasil estava mais inteiro no Nordeste e em Vila Rica.

Depois, quando o mundo se cobriu com as novas roupas de idéias de liberdade, no Nordeste foram escritos com sangue os poemas dos mártires de 1817 e 1823. A literatura entrava nos corações para armar as insurreições. Tolenare, que nos viu por êsse tempo, espantou-se com a vibração de um povo que tomava ao pé da letra as palavras bonitas da Europa. Foi quando aconteceu o romantismo. As nações queriam mostrar as suas entranhas, revolver o passado, sangrar na veia da saúde, descer em enchentes de poesia, dominar, pro-

vocar dilúvios para que as arcas de Noé subissem às montanhas. O mundo queria mudar de pele como as cobras.

A literatura brasileira não era mais que uma modesta sucursal pouco sortida pelos armazéns da Côrte. A língua em que escrevíamos quase nada tinha que ver com a língua que falávamos. Os românticos que apareceram nada tinham de romântico. O nosso libertador *José Bonifácio fazia odes como um árcade pedante*. Apenas haviam pôsto em circulação algumas palavras da moda, mas continuávamos, nos versos e na prosa, tão reinóis quanto os lusos.

Quem daria, mais tarde, expressão profunda ao movimento, arrancando da nossa sensibilidade a verdadeira expressão de seu tempo? Os nordestinos. Dois homens do Nordeste surgiram em nossa literatura com bastante originalidade de forma e de espírito, para nos conduzirem à libertação literária. Foram Gonçalves Dias e José de Alencar. Eis aí duas nascentes. A "Canção do exílio" é o primeiro grande poema brasileiro. E' um estado de alma em eclosão, um surto de ternura humana capaz de nos ligar à terra nativa, de nos arrancar lágrimas, de nos comunicar uma desesperada vontade de retôrno aos campos nativos, aos nossos arvoredos e aos nossos pássaros. A palmeira e o sabiá não entram na composição como temas secos, mas como parentesco de sangue e de espírito com o poeta. E' um poema de ligações com o chão e a vida distante. Depois da "Canção do exílio" havia o Brasil, a terra de um homem saudoso. Gonçalves Dias convivera com os

livros dos alemães Heine, Goethe e Schiller. E cercado de todos os rebentos de Coimbra, esmagado pela rotina gramatical dos mestres de estilo e métrica, teve gênio para sobreviver a tudo e chegar a uma solução profundamente expressiva e original. A língua e o sentimento do seu poema eram condições nativas. Deu, assim, um tom particular às suas dores do exílio e foi o poeta de uma mágoa profunda. As saudades foram as suas raízes emotivas e o artista soube erguer a sua obra com o sangue de suas veias e a carne do seu corpo. O primeiro grande poeta brasileiro foi o maravilhoso mestiço de Caxias.

III

José de Alencar, com as doçuras dos favos da jati e com os perfumes das baunilhas dos bosques, transformaria a língua portuguêsa no seu ritmo. A língua brasileira escrita começaria com Alencar a ser um deslizar de rio manso, qualquer coisa de absurdo e de desagradável para a gramática lusitana. Dizem que o imperador importou de Lisboa o purista Castilho com o fim de reagir contra as novidades do romancista cearense. Aquêles "verdes mares bravios de minha terra natal", aquêle "além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte", aquêles períodos sem ossos, como diria Gilberto Freyre, aquela ternura lírica de tratar homens, florestas e bichos, traziam em suas composições os germes de uma dissolução lingüística. O romantismo de Gonçalves Dias e de José de Alencar provinha de seus últimos contactos com a terra. Não foi uma atitude. Gonçalves Dias chorava na "Canção do exílio", com o gôsto amargo dos infelizes de Garrett, e Alencar expandia-se na sua língua, na sua prosa corrente e cantante como se tivesse extraído do léxico ríspido de Herculano e Camilo todos os espinhos. A presença do Nordeste está em ambos como condição essencial. Leia-se o Gon-

çalves Dias da "Canção do exílio", e os sabiás e as palmeiras e os amôres do poeta são tôda a nossa terra. Leia-se "Iracema", e lá vem o falar macio do nordestino, na sua fabulosa ligação de verbos, de substantivos, pronomes e advérbios. A novidade não é só de palavras, é de ritmo.

A poesia e a prosa brasileira nasceram de Gonçalves Dias e José de Alencar. Foram, os dois, cabeceiras de rios que se alargaram, através de várzeas e vales. Com êstes dois estão as raízes da nossa formação literária.

E quando na Academia do Recife o pensamento filosófico que agitava os centros da Europa começou a impregnar-se em debates da mocidade, seria pelas intervenções de um homem modesto de Sergipe, autodidata, que o Brasil se integraria nas correntes do pensamento moderno. Tobias Barreto apareceu no Brasil como um homem de espanto. A côrte, com os seus mestres de rotina filosófica, tomaria o jovem professor do Recife, como se fôsse êle um autêntico demônio. As suas idéias e o seu monismo agressivo, a sua quase demagogia doutrinária encheriam um espaço vazio. Não havia filosofia no Brasil. Só muito mais tarde, outro nordestino, dotado de alto poder especulativo, seria capaz de iniciar qualquer coisa de sério em conhecimento filosófico, o solitário Farias Brito. De Tobias viria o grande Sílvio Romero, espécie de São Cristóvão de nossa erudição, o gigante que carregou às costas fardos e fardos de fatos, de contos, arcas cheias de uma sabedoria folclórica extraordinária. A crítica literária

brasileira iniciava-se assim, como em Taine, com todos os aparelhos da investigação, e não armada sòmente para pesquisar erros de gramática. A literatura, não como composição, e, sim, como vida ou manancial de vida. A literatura, como o drama dos conflitos do homem com o meio ambiente: a terra, os costumes, os fatos econômicos e sociais. A crítica literária pretendendo ser uma ciência, como a sociologia. Sílvio Romero levantou um quadro imenso, estabeleceu contactos íntimos entre o processo literário e o estado de alma, querendo fazer do verso e da prosa o retrato do povo. Às vêzes, fracassou, outras se perderia em destemperos, mas sempre conservou o seu sentimento passional de nordestino, a bravura de uma espécie de cangaceiro das letras. As cargas que deu, os assaltos que realizou as pedras que levantou, o sangue que fêz correr, as violências de seus golpes, podem ter perturbado a função do crítico. No entanto, dão-lhe originalidade e vigor.

IV

Foram Tobias Barreto e Sílvio Romero fontes de tôda uma nova escola de pensamento e pesquisa. Tobias chegara-se aos alemães e da convivência com os mestres tedescos nos trouxera o gôsto pela especulação naturalista. Apareceram os Buchner, os Haeckel, os Vogt, os Hartman, os Schopenhauer em leitura de primeira mão e em têrmos polêmicos. Os debates filosóficos vieram pela tenacidade e agressividade de Tobias a provocar no Brasil um clima de agitação revolucionária. Sílvio Romero, primeiro que todos, compreendeu que a literatura não era sòmente um ofício de eruditos ou um puro deleite de superfície. Foi às nascentes folclóricas, aos contos e cantos populares e conseguiu revelar um verdadeiro mundo poético que se conservava nos subsolos. O povo foi chamado a ocupar, pela crítica de Sílvio, o lugar que tinha na Alemanha dos "lieder", no cancioneiro de Espanha e Portugal. Saía do Nordeste a crítica filosófica e literária para um país que ainda se contentava com as sobras da erudição dos mestres de Coimbra. Apareceram então os historiadores, os que se debruçaram sôbre a História do Brasil com verdadeiro espírito crítico. Já Ladislau Neto, de Alagoas, tinha pôsto o seu saber nas pesquisas etnográficas, e o mestre Arruda Câmara, da Paraíba, nos prin-

cípios do último século, trouxera para a botânica uma curiosidade de sábio. Os estudos de nossa história contavam com professôres estrangeiros e com a fabulosa ciência de Pôrto Seguro. Êste, porém, fizera a história fria dos acontecimentos, com os métodos teutônicos de suas origens. A história em profundidade, a história em concepção panorâmica, tomada no plano de pesquisa e interpretação psicológica, iniciara-se pelo mestre pernambucano Oliveira Lima. Êste nos daria, ainda mais que Nabuco, o livro fundamental de uma época. Capistrano de Abreu, do Ceará, com uma superior intuição reveladora, caiu sôbre documentos esquecidos e conseguiu os seus capítulos de história colonial, onde se corrigem erros e se descobrem roteiros abandonados. Seria dos primeiros no Brasil a ligar o fato econômico à vida íntima dos acontecimentos, quando nos falou da civilização do couro, nas suas referências à predominância do boi num certo período colonial. Os nordestinos Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa, Maximiniano Machado, tomam as suas regiões para temas de estudos fundamentais. Alfredo de Carvalho, através de sua cultura germânica, aproxima-se de fontes holandesas, como já fizera o mestre José Higino. Há pesquisas originais em Carvalho sôbre o domínio holandês, com descobertas ainda hoje insuperadas. Assim, os nordestinos conseguiram orientar com outro sentido a história do Brasil.

Entrávamos no século XX com a vida literária brasileira inteiramente absorvida com a revolução naturalista. Os poetas voltavam à rigidez da forma como se

as palavras fôssem blocos de mármore ou pedaços de bronze a cinzelar. Os parnasianos requintavam no esplendor dos sonetos estáticos iguais a peças de museus. Os tercetos eram limados em tornos mecânicos de ourives, as imagens retornavam aos deuses da Hélade. Tudo tinha a calmaria de homens que houvessem dominado tôdas as dificuldades. Por êsse tempo a presença do Nordeste se fixou na poesia de outro maranhense, que foi o maior de sua geração de poetas, o grande Raimundo Corrêa. Com êle a poesia não foi um difícil manejo manual; foi realmente poesia, estremecimento de alma contido, aquêle sentir profundo de um Ronsard, na fluidez das palavras precisas.

Podem Bilac e Alberto de Oliveira possuir maiores riquezas de verbo, mas quando hoje lemos Raimundo sentimos que há por trás de tôdas as suas continências a verdadeira chama do poema. Por êsse tempo havia o maior homem de nossa literatura, Machado de Assis. Mas de Pernambuco sairia a página mágica do Massagana de Nabuco, o que há de mais emotivo em prosa brasileira, qualquer coisa como a "Canção do exílio" de Gonçalves Dias. Nabuco dera à biografia de seu pai uma grandeza vitoriana, fizera os discursos da abolição com o fogo de uma vocação de Ariel, mas a terra nativa comunicara-lhe o maior alumbramento. "Massagana" ficou para ser uma maravilha de prosa banhada pelas lágrimas de uma saudade de grande coração. Pernambuco dos canaviais, das mães-negras, das tias matronas, do esplendor do açúcar, está inteiro na narrativa do neto do morgado do Cabo.

V

Depois dos poetas que queriam ser rígidos como pedra, surgiram os que eram como juncos ao sôpro dos ventos, os que queriam cantar em surdina as suas dores, sem os espetáculos dos românticos. Os simbolistas tocados pela ternura humana já não seriam os orgulhosos da forma tersa, e, sim, criaturas por dentro de cujas almas a vida cavava os seus sulcos. Alphonsus de Guimaraens pusera a sua musa piedosa aos pés de Nossa Senhora, como um peregrino, um penitente. A êste tempo a crítica literária e o ensaio podiam chegar às soluções clarificadoras do sergipano Gilberto Amado, à sabedoria do mestre João Ribeiro, o mais completo ensaísta de sua geração. Graça Aranha quis com o seu romance de tese, o esplêndido "Canaã", figurar o mundo novo no conflito de raças e temperamentos. E o que ficou do seu livro é ainda o que lhe havia ficado no espírito cosmopolita do seu Maranhão, dos contactos do Recife. Foi o grande Graça uma voz retardada da Escola do Recife. Mas enquanto os nossos simbolistas procuravam Verlaine para modêlo de suas cantigas, uma voz de gênio irrompia de um engenho paraibano. Do Engenho Pau d'Arco, o rapaz triste, Augusto dos

Anjos lançava ao mundo os seus lamentos de desesperado. A poesia brasileira conheceria o mais pungente desabafo de criatura humana. O "Eu" não é um livro sòmente de poemas; é uma criação tão ligada à alma e ao corpo como se fôsse um fenômeno, sua anomalia fisiológica. Carne e alma, no poema tenebroso, confundem-se. E' um assombro contra as leis de Deus e contra as leis da natureza. O poeta Augusto, à sombra do tamarindo de suas desventuras, meditou na morte e quis fazer da putrefação dos elementos uma escada de Jacob para o nada. A poesia em alguns pedaços de Augusto dos Anjos se aproxima dos cumes de Dante e Baudelaire. O paraibano atingiu, em certos momentos, à autêntica grandeza poética.

Foi quando aconteceu o modernismo brasileiro. O que chamaríamos de modernismo não seria mais que um pé de vento na calmaria. Graça Aranha compreendeu que o país se consumia numa paz de sonolência. E quis tocar fogo na Academia Brasileira de Letras. Não incendiou a solene tranqüilidade acadêmica, mas conseguiu, com a sua figura de homem glorioso, impor seriedade ao movimento que desencadeou. O modernismo dominou São Paulo, arrastou os ricos e esnobes e fêz o que se esperava que fizesse: barulho. Mário de Andrade, Oswald, Di Cavalcanti, Alcântara Machado, músicos, pintores, ensaístas, deram um escândalo necessário. Depois, do meio das gritarias e revoltas, surgiu um canto de um triste que cortava o próprio coração com o humor de um gênio indomável: Manuel Bandeira, o menino da rua da União, do Recife, evocou

a terra dos avós e ligou o moderno ao eterno. E assim, com os seus poemas, em todos os metros, porque é um sábio da lírica com a sua ternura franciscana e, às vêzes, com crueldade para com as suas próprias dores, continua a ser o poeta das origens pernambucanas. Havia nos teóricos do modernismo do Rio e São Paulo uma camada de mundanismo parisiense. Derrubavam-se ídolos de pedra mármore para fixar outros ídolos, outras fórmulas, outros preconceitos. A semana de arte moderna foi, porém, um momento de tensão criadora, superando aquela integração no todo universal do monismo romântico de Graça Aranha.

VI

Em 1923, em pleno surto do modernismo, voltava de seus estudos nos Estados Unidos e Europa um rapaz chamado Gilberto Freyre. E logo se iniciou com êle um verdadeiro movimento paralelo ao desencadeado em São Paulo e Rio. Freyre trazia para a nossa vida literária a paixão de um jovem que, longe da pátria, tivesse descoberto, pela saudade e pela intuição genial de observador, a sua região, o seu condado de Wessex, como um Hardy, aquela presença da Escócia de um Roberto Louis Stevenson, mesmo quando êle estava em suas ilhas do Tesouro ou em Samoa. O regionalismo de Gilberto Freyre não era um capricho de saudosista, mas uma teoria da vida. E, como tal, uma filosofia de conduta. O que queria com o seu pegadio à terra natal era dar-lhe universalidade, como acontecera a Goethe com os "lieder", era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço do mundo. Era expandir-se, ao invés de restringir-se. Por êste modo o Nordeste absorvia o movimento moderno, no que êste tinha de mais sério. Queríamos ser do Brasil sendo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará. Em 1926 o grande mestre firmava, no congresso do Recife, as pedras fundamentais de sua obra ciclópica. Em

tôrno dêle formou-se uma geração de homens admiráveis e decisivos. Olívio Montenegro, Aníbal Fernandes, Sílvio Rabelo, Júlio Belo, Luís Cedro, Luís Jardim. "A Província", jornal que Freyre dirigiu, não era sòmente província pelo cabeçalho. Foi verdadeiramente uma aglomeração de valores regionais e brasileiros. Na Paraíba, em 1928, José Américo publica o romance em que desde 1922 trabalhava: "A Bagaceira". Lá de um sobradinho da Rua das Trincheiras, o areiense José Américo projetou-se, de repente, para o Brasil, com um livro que trazia todo gravado nas suas recordações de infância. Um homem que levara onze anos enterrado nos autos da Relação do seu Estado, no duro ofício forense, que gastara a mocidade melhor nos atritos de uma profissão absorvente, pudera conservar as fontes de sua criação literária. "A Bagaceira" é o primeiro grande romance do Nordeste. Poderíamos falar do "Mulato", de Aluízio Azevedo, o grande Aluízio que iniciou e consolidou o romance naturalista no Brasil. Ainda do Nordeste, o mestre de "Casa de Pensão", do "Cortiço", peças básicas da nossa ficção. Poderíamos ainda falar de Rodolfo Teófilo, de Adolfo Caminha, de Domingos Olímpio e das remotas tentativas de Franklin Távora, Papi Júnior. Todos êstes não chegaram às obras decisivas. Mas teremos que tomá-los a sério pelo tenaz esfôrço que fizeram para fixar a expressão da nossa realidade. Poderíamos isolar "Luzia Homem" como o mais característico livro da geração dos cearenses que, dos meados do século aos princípios da nossa era, mostraram vocação tão profunda para a novela.

Em "A Bagaceira" há originalidade de um estilo, a forte presença de um ambiente, o trágico dos destinos que cruzam em atitudes que se projetam com o relêvo de vida autêntica. Ali está o Nordeste no vigor expressivo das imagens, nos arrancos dos gestos que ligam o homem à natureza. A vida e a morte são matérias-primas do autor. E' o homem vivo que não quer morrer; não é sòmente uma atitude, é a própria condição humana agitada pelo pavor, pela desordem, pela ânsia de sobreviver. O estilo tem tudo da terra, nos seus contrastes: a mágica fartura, a rigidez das pedras, o frescor das matas cheirosas, a máscara lúgubre dos cariris cobertos de vegetação de via sacra, a barriga cheia e a fome devastadora. O romance moderno brasileiro começou com "A Bagaceira".

VII

"São os do Norte que vêm" — repetia Manuel Bandeira, em poema de circunstância, a ênfase de Tobias Barreto. Chegavam os do Norte, ou melhor, do Nordeste, com os seus romances. Graciliano Ramos, a dor como uma revelação da vida. O romance de Graciliano é uma desidratação da carne. Tudo neste homem é nervo exposto, é a agonia de um tempo em liquidação. Nem o amor materno resistiu aos ácidos do homem tremendo do "Infância". Para êle só existiu a pedra dura onde os seus restos de carne sangrariam. Mas como grita a sua dor que queria falar baixo, como nos comunica uma vontade de fim de uma criatura, que nada queria nem de Deus e nem dos homens. E' Graciliano Ramos um pedaço rude do Nordeste. Raquel de Queirós, esta quer se fazer de mais magra nos exercícios de continência a que submete a sua prosa. Dentro da menina que nos deu o "Quinze", havia e há uma lírica, a poesia dos que sabem descobrir no fato rude pontos de ternura. Em Graciliano o fato é uma constante de desespêro; em Raquel, não. A grande Raquel traz constantemente no coração um manancial de entusiasmo pelo viver. Daí as suas intimidades com

as coisas, uma certa alegria de sentir-se da espécie humana. E como tal, vai descobrindo, na vida, constantes de amor. Quando viaja pelo São Francisco ela se volta para o rio e chama-o de "Velho Chico". O fato para ela vale pela poesia que dêle se pode extrair, como de cascalho a gema preciosa. Jorge Amado, já não é tão dos nossos como Raquel e Graciliano, porque lhe falta aquêle "senso de humor" que é a nossa fôrça. Os seus romances querem salvar a humanidade. E pelo que sei, romance algum, até hoje, teve fôrças para tanto. E' assim, apesar de seu imenso talento, mais um esfôrço de proselitismo. Não é a saudade o que canta nas suas evocações baianas, como a saudade da canção do exílio de Gonçalves Dias. Não é forma que o alimenta como nas dolências verbais de José de Alencar. Não é a dor que provoca como em Graciliano Ramos. O que conta para o nordestino é, sobretudo, a autenticidade. E é o que não há na obra sensacional de Jorge Amado. A fôrça extraordinária de narrar do baiano perturba-se com as tarefas ideológicas. Nunca se fêz romance nem arte com ideologias. As ideologias é que procuram os artistas para servir-se de suas descobertas no humano. Do Quixote saíram as mais variadas meditações sôbre o destino.

Depois de 1930 o Nordeste tomou um lugar certo na literatura brasileira. Voltou a ser, como nos tempos de Gonçalves Dias e José de Alencar, um foco de irradiação. E' que puseram os nordestinos para funcionar uma máquina de criação que se alimentava de realidades concretas. A vida que êles traziam para os seus

livros, para sublimá-la, não era uma mentira ou uma convenção. A realidade doía nos personagens de José Américo de Almeida, de Graciliano Ramos, de Raquel de Queirós, de Amando Fontes. O homem que se desencantava em personagem não carecia de fingir para parecer: o que era de fato. O regionalismo da teoria de Gilberto Freyre se exprimia em novelas carregadas de universal, de destinos que não seriam sòmente da vida, mas a própria vida.

VIII

A história do cangaço, no nordeste brasileiro, está ìntimamente ligada à história social do patriarcalismo, à vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor de terras e de homens, como se fôssem barões dos feudos. O chefe que mandava, de baraço e cutelo na família, nos aderentes, nos eleitores, precisava muitas vêzes da fôrça, acima da lei, para impor-se e dominar sem limite. Nem o Estado seria capaz de enfrentar o chefe que, no sertão, era mais de que o Estado. Para manter-se de pé, prefirmar-se suseranamente, o chefe recorreria aos seus homens dispostos, aos cabras de ôlho virado, aos que matavam sem dor na consciência. A função do cangaceiro passava a ser uma espécie de gendarmeria às avessas. O crime é que tinha poder corretivo. Assim surgiram cangaceiros que, revoltando-se contra o chefe, fizeram trabalhar por sua conta, e serem êles próprios os que ditassem lei no sertão. Armados pelo "coronel" passaram a dar cartas, a casar e a descasar, a dividir terras, a exercer pelo trabuco o govêrno das caatingas. O primeiro cangaceiro que assombrou o nordeste, se desgarrou do patriarca para arvorar-se em terror, foi o Cabeleira, nas-

cido em Pernambuco, nos meados do século 18. Êste homem de tanta ferocidade chegou a ser o flagelo da colônia. Dêle corria o povo espavorido. Uma quadra popular diz bem do mêdo geral quando assim cantava:

Feche a porta, gente,
Cabeleira aí vem,
Êle não vem só,
Vem seu pai também.

Feche a porta, gente,
Cabeleira aí vem,
Vem matando menino
E velho também.

Apesar de tôda a sua crueldade ainda chegou a impressionar a massa sôbre a qual infligira tamanha servidão. Contava-se que morreu pelo amor. Apaixonado por uma linda moça o seu coração ficou terno e não resistiu ao mágico poder da mulher, deixando-se enfeitiçar para morrer na fôrca. A sua figura de homem belo, de cabeleira loira, passaria à figura lendária nos cantos de ninar das pretas velhas.

Outros cangaceiros vieram após o Cabeleira. Viera o Brilhante, Jesuíno Brilhante, de família das Ribeiras do Pajeú, rio que atravessa a região dos Pereira e Feitosa. As disputas de família como as dos Guelfos e Gibelinos deram alimento de substância ao cangaceirismo. Em pleno século 19, Jesuino Brilhante tomou conta dos sertões do Ceará. Era um homem da melhor gente da terra, que passaria à vida do crime com poder

inapelável. A sua figura de campeador indomável tomou conta da imaginação do povo. Brilhante fêz do cangaço uma espécie de ação punitiva contra o que pudesse parecer um abuso dos grandes. Todos os seus crimes, na bôca do povo, passavam à categoria de castigo aos que mereciam morrer. Brilhante até hoje existe nos contos homéricos nordestinos como se fôsse um Cid de clavinote e punhal. Os Pereira e Feitosa brigavam, subiam e desciam na política e em tôrno dêles se agrupavam os homens fora da lei, os terríveis cabras prontos para as vinganças tremendas. Os cabras seriam praças de pré dos exércitos irregulares que agiam para as desforras do privatismo truculento. Vieram outros. Apareceu Antônio Silvino, homem branco, nascido em Afogado de Ingazeira, às margens do Pajeú. Êste deu ao cangaceirismo uma certa disciplina militar. Aí já entrava na eficiência dos homens reduzidos a uma fôrça debaixo de ordem rígida, as armas automáticas, a repetição, o rifle. Antônio Silvino dominou quase 20 anos em três estados brasileiros. Muitos combates travou com as fôrças do Govêrno, sempre adotando tática defensiva, sempre fugindo dos combates decisivos, escapando dos cercos, armando emboscadas. Êste o conheci pessoalmente. Vi-o no engenho do meu avô, recebido como se fôsse um presidente, à frente dos seus doze cabras que a êle obedeciam sem a mínima restrição. Durante quase 20 anos Silvino imperou na sua zona de influência. Foi um grande até nos conselhos políticos de municípios onde punha e dispunha. Criou fama de bom bandido. Casava os amancebados, foi juiz em

causas perdidas, dando aos pobres o que tirava dos ricos. Chegou a ser amado pelo povo que nêle via um insubmisso ao despotismo dos políticos e dos senhores da terra. Todos êsses cangaceiros não seriam nada comparados com o maior de todos, o que se chamou Virgulino Ferreira, o Lampião. "No centro de Pernambuco, no Nordeste brasileiro, no ano de novecentos a 12 de fevereiro, no têrmo de Vila Bela, nasceu êsse cangaceiro". Assim cantava um poeta. Êle tinha 15 anos. Deixara com os pais o sertão de Pernambuco e estava em Água Branca, no Estado de Alagoas, trabalhando nos serviços de almocreve, da fábrica de linha da Pedra. Certo dia descansava em casa quando vieram dizer que um vizinho roubara um bode de seu pai. Virgulino e o seu irmão Antônio foram repelir aquela afronta e mataram o ladrão a ponta de punhal. Fugiram os dois para Pernambuco, acoitando-se em Bom Conselho numa fazenda do Coronel José Abílio, e lá estariam seguros de qualquer perseguição. Mas o Tenente Lucena, da polícia de Alagoas, cercou a casa de José Ferreira à procura dos filhos assassinos. O sertanejo resistiu ao cêrco da diligência e morreu com o filho menino varado de balas. Virgulino quando soube não quis mais ficar parado debaixo da proteção de ninguém e desde êsse dia não parou mais. O menino franzino de cara dura, de rosto quase imberbe alistou-se no grupo de Sinhô Pereira e Luís Padre, bandoleiros que manobravam com algum sucesso em Pernambuco e Paraíba. Quando chegou êle para alistar-se no grupo de Sinhô Pereira êste mandou que voltasse para o rabo

da saia da mãe — "Isto aqui não é escola menino." O menino sorriu para o cabra e só lhe fêz dizer: "Capitão pode mandar suas ordens. Eu e o Antônio queremos trabalhá duro. E' só mandá." Ficaram os dois e logo Luís Padre dizia a Sinhô Pereira: "Êsses meninos vão longe." No fogo com o Tenente Levino o rifle do menino Virgulino parecia um lampião na noite escura. O bicho atirava que só metralhadora. Veio daí o apelido sinistro que por mais de dezesseis anos encheu os sertões de pavor. Virgulino Ferreira passava a ser o Lampião da bôca do povo. Três anos depois estava êle com Porcino, outro chefe de bando. Agora já tem fama. O homem está feito, com um metro e oitenta de altura, enfieira de dentes brancos e duros e já tem a máscara de ferro na fisionomia. O ôlho que o galho espinhento da jurema cegara, é branco, assim como uma mancha malígna. Os cabelos compridos vêm até os ombros. Veste-se com pano de mescla. Duas cartucheiras lhe cruzam o tórax, o chapéu de couro enfeitado com moedas de ouro, e nos pés, que são como de pedra, as alpercatas de couro cru, na cintura duas pistolas, dois punhais de lâmina de aço cruzados sôbre o ventre. Não é mais Virgulino Ferreira. E' o Lampião. Em 1920 começam as suas guerras de movimentos. Traz o irmão Antônio como ajudante de ordens. Outro irmão conserva em sua companhia, Ezequiel. O seu primeiro grande ataque só poderia ser em Água Branca. Lá o tenente Lucena matara-lhe o pai, lá viviam os Tôrres, os grandes que tiveram um pai barão do rei. Saqueou a cidade, arrancou do pescoço da ba-

ronesa o seu trancelim de muitas voltas de ouro, arrazou o comércio, matou os soldados da cadeia. Todo o nordeste estremeceu. Começava assim a vida do maior cangaceiro de todos os tempos. As polícias de quatro Estados puseram-se em sua perseguição. A princípio o povo esperava um campeador como Jesuino Brilhante. Mas qual! quem estava sôlto nas caatingas era um diabo em carne e osso. O grupo cresceu, investiu sôbre fazendas, queimou plantações, atacou centros de comércio. Na cidade de Sousa, na Paraíba, cidade das mais importantes, estêve êle com o seu grupo. Lampião aprisionou o juiz de direito, vestiu-o com uma batina de padre e obrigou o magistrado a tocar viola na porta da igreja. Os cabras rodearam o juiz e cobriram-no de apodos. Mandam abrir a igreja e Lampião vai com os cabras rezar aos pés da virgem. Tiram ladainhas com vozes roucas e êles mesmos respondem em côro. O govêrno do Estado exaspera-se. Um bravo sertanejo oferece-se para pegá-lo à unha. E' o tenente Oliveira, homem que conhece o sertão como as palmas das mãos. E põe-se na perseguição do bandido como verdadeiro cachorro. Lampião foge como se tivesse asas nos pés. Atravessa o Estado de Pernambuco e Oliveira atrás dêle com trinta homens escolhidos com a mesma fúria dos bandidos. No Serrote Prêto, em Alagoas, Oliveira cai numa cilada sinistra. Lampião com habilidade incrível põe-se fora do combate e deixa as fôrças de Alagoas e de Pernambuco a se tirotearem uma contra a outra. Morreram dois oficiais e oito soldados. Oliveira acabou-se com seus homens. Lampião cresce, arregi-

menta cabras. O sargento Quelé vem com a sua fôrça pela caatinga numa tarde de chuva. Lampião sabia de todos os seus movimentos. E espera-o entre dois serrotes. Os dois se encontram de supetão. Quelé avançara um pouco de sua gente. "Cabra, gritou-lhe Lampião, prepare-se para apanhar", "Para morrer, miserável", respondeu o sargento e arrancou do revólver num pulo de onça acuada. Nem teve tempo de elevar o braço. Um tiro de Levino derrubou-o. Aí Lampião quis dar um exemplo aos "macacos", como chamava aos soldados. Mandou que despisse o defundo, arrancou-lhe o coração, decepou-lhe os braços e armou na estrada uma cruz com os despojos do sargento. A notícia espalhou-se, terrificando as populações sertanejas. Os cantadores começaram a festa desconcertante: "Êsse tá de Lampião, tem dado bem que fazer, as polícias em riba dêle mas êle nem mode que. Vive lá pelo sertão, este tá de Lampião brincando de esconder". Ou então: "As moças do São Francisco, são pobres mas tem ação, guardam queijo e rapadura pro borná de Lampião". O bandido não pode parar e se transforma num verdadeiro governador dos sertões. De salvo-conduto, estabelece entendimentos com autoridades e em certo momento chegou a ser aliado do govêrno do Ceará, através do padre Cícero, uma espécie de santo que admitia o crime nas suas relações com Deus. No Juazeiro, centro de fanatismo, uma Roma de beatos foi Lampião, com assinatura de um funcionário federal, nomeado capitão do Exército. Todo o país se cobriu de vergonha com o ato degradante. Pendem-lhe do pes-

coço, em contacto com a carne sêca de lagarto, os bentos, as orações, as medalhas dos seus santos protetores. Há um casamento na fazenda do Pinhão, em Sergipe. O fazendeiro não havia atendido a um pedido de dinheiro do grupo. A casa grande está cheia de gente. A noiva e o noivo sentados no sofá no centro da sala. De repente, há um grito: "Lampião vem aí". E' um vaqueiro que chegava às carreiras. E mal terminou, aparece no alto do morro o grupo em cavalhada. Já estão atirando. Todos param na expectativa alarmada. Lampião se dirige ao dono da casa: "Véio cachorro, tu não me respondeste a carta" e sem mais nada deu-lhe uma coronhada de fuzil na cara. O homem caiu. As moças da casa correram para as camarinhas. Os cabras arrombaram as portas. Lampião mandou tocar a sanfona e vai dizendo: "Gente, tudo aqui tem que ficar nu. Vamos tirar uma quadrilha com os meus meninos". Nisto o fazendeiro cresceu para êle: "Mate a gente bandido mas não desgrace as moças". Um tiro de Volta Sêca derrubou-o. Lampião mandou fazer um serviço no noivo. Mutilou o rapaz na frente de tôda gente. Pegando a noiva arrancou-lhe as vestes e saiu com ela dançando por cima do sangue do pai que permaneceu estendido no chão. Tocava a sanfona uma música de vadiar. E em ritmo de dança maçabra o baile varava a noite sertaneja. Depois de tudo isto o chefe chamou um rapaz para lhe dizer: "Tu vai ficar vivo para contar esta história". "Me mata bandido, gritou o moço, me mata cachorro". As moças estendidas pelos quartos choravam mais alto do que a san-

fona. Depois é o silêncio de uma casa arruinada, a desolação de uma família coberta de sangue e de lama. Êste ataque do Pinhão deu a medida da crueldade do tigre enraivecido. O Estado da Bahia arregimentou fôrças para acabar com o flagelo. Quase mil praças se espalham pelas caatingas. Há um tenente Menezes que não dá tréguas aos bandidos. Mas Lampião é terrível na arte da guerra. Só êle sabia de manobras infernais. Cercam-no, em circunstâncias impossíveis de escapar uma mosca. E êle e os cabras escapavam, encontrando sempre um jeito de fugir. O govêrno da Bahia ordena a evacuação de tôda a zona atingida pela calamidade. Os sertanejos, porém, resistem às ordens do govêrno. Para êles é melhor ficar em suas casas mesmo com Lampião do que abandoná-las. Há casos dolorosos de resistência à polícia. Em 1930 o govêrno revolucionário pensou numa ação definitiva contra o banditismo. E fracassou apesar de tôdas as manobras. Entram tropas federais em contacto com o grupo. Tudo em vão. "Meu nome é Virgulino, meu apelido Lampião, agora com a revolução, sou o interventor do sertão". A cidade de Mossoró é o maior centro urbano do Estado do Rio Grande do Norte. População de mais de vinte mil habitantes. Lampião à frente do seu maior contingente avançou sôbre Mossoró. Mas caiu no êrro de enviar um *ultimatum* à cidade. O povo da terra tem um chefe disposto. E' o prefeito Fernandes. A resposta é um desafio ao cangaceiro. Podem vir. E êles vieram em formação de arco sôbre o arruado. Mas os rapazes da cidade com o valente Fernandes resistem. O fôgo du-

rou seis horas. Morreram alguns cabras de Lampião e debandou o grupo derrotado. A coragem de Mossoró inflamou os sertanejos. E Lampião atravessou o Rio Grande do Norte e surgiu na Paraíba, em Alagoas do Monteiro. Atacou a fazenda de Feitosa e não encontrando o fazendeiro matou os bichos e os aderentes. Enfurecido pela derrota de Mossoró avançou como um castigo sôbre os pequenos que não têm fôrças para resistir. Em Pernambuco um tenente afoito marchou em cima de seus passos. Contava o oficial com um rastejador de habilidade espantosa. E' Colé. Na frente da tropa êle é capaz de pelo olfato revelar o sexo do animal que passou horas antes pelo lugar. Reconhece as marcas das alpercatas, e pelas fôlhas das árvores sabe que espécie de gente caminhou pelo mato. Colé, porém, está a serviço de Lampião. O tenente vai seguindo as pegadas do chefe. Há três dias que caminham sem parar pela caatinga. A certa hora do dia Colé parou e disse para o comandante: "Vamo parar naquela cacimba para beber água". A tropa está morta de sêde. Logo que avista o poço corre para o primeiro gole. Dispersaram-se em redor da cacimba, deixaram as armas para o lado e se deitaram. Colé porém, tinha desaparecido. E com pouco mais estourou o tiroteio à queima-roupa. Algumas praças tiveram tempo de pegar nas armas. Responderam ao fôgo, mas são massacrados. Todos mortos. Neste ataque, porém, o irmão mais môço de Lampião caiu fulminado. O monstro deitou-se sôbre o corpo fraterno e chorou com desespêro. Já havia morrido o mano Antônio, agora é Levino. Manda mu-

tilar todos os corpos dos "Macacos" e arrancou a punhal a gordura do ventre do tenente e azeitou os fuzis com a banha humana, assim como fizera Cortez com os índios do México. O tigre com a morte de Levino cresceu de crueldade. Atravessou de Paraíba a Bahia, matando, roubando, desonrando donzelas. Em Cajazeiras viu um anel no dedo de um homem rico. E como a jóia não pudesse sair do dedo, quis cortar o dedo. Marcou com o ferro em braza com o V de sua marca tôdas as moças que encontrava de cabelo cortado. Casa e descasa. Numa cidade de Alagoas chegou na igreja e encontrou dois casamentos para serem realizados. Um branco com uma negra, e uma negra com um branco. Desmancha os casais. E casa branco com branca e negro com negra. Como todo cabo de guerra organiza um serviço perfeito de espionagem. Possui por tôda parte olhos e ouvidos que vêem e escutam por êle. São as "serpentes" de asas, os chamados coiteiros que transmitem recados e ordens, como um telégrafo de carne e osso. Tôda a caatinga é sua. Comem-se meses e meses de noticiário. Não há notícias de Lampião. E como não há notícias correm os boatos. A imaginação excitada cria situações. Há os que o viram morto, os que o encontraram em consultórios médicos no Recife, os que dançaram com êle em casa de deputados e senadores. Nada disto. Lampião tem as suas furnas intransponíveis. Cercado de espinhos e pedras êle descobre nos cocurutos de serra os seus ninhos de abutres. Reza ao meio-dia, e reza ao pôr do sol. As orações que traz nos bentos do pescoço fecham-lhe o corpo. Há

uma que diz assim: Eu, José, com a espada de Abraão serei coberto; eu, José, com leite da Virgem Maria serei borrifado; eu, José, com sangue de Cristo serei batizado; eu, José, na arca de Noé serei guardado; eu, José, com as chaves de São Pedro serei fechado onde não me possam ver e ferir, nem matar, nem o sangue do meu corpo tirar". Apesar de tudo há cantadores que louvam as suas glórias: "Minha mãe me dê dinheiro prá comprar um cinturão, uma boa cartucheira prá brigar mais Lampião". Êle mesmo tem a sua cantiga, a sua canção de guerra: "Ei mulher rendeira, ei mulher rendá, mulher cadê a renda que eu mandei ti encomendar?" O bandido ama, tem coração de trovador apaixonado. Maria Bonita, linda moça sertaneja, agrega-se ao grupo e carrega também o seu fuzil. Vai ela exercer certo poder moderador sôbre o macho enfurecido. Lampião começa a respeitar as donzelas. Maria Bonita defende as mães, protege as moças da fúria dos cabras assanhados. Lampião já passava da casa dos trinta; amadurecera no crime, mas ainda tem ternuras para sua eleita. Quando está nos retiros, no descanso das façanhas tenebrosas é êle quem lava os pés da mulher amada, deixando-se ficar no seu colo ao ouvir cantigas. Os poetas falam do seu amor: "Maria Déa é um anjo, uma lindeza encantada que Lampião encontrou. Pode haver pelas Europas muita riqueza e brancura mas aqui no sertão é que mora a formusura". O rei do cangaço dá tudo para viver no regaço da sua eleita. Já não o atrai as caatingas, quer entrar em entendimentos com o govêrno. Os sertanejos já não esperam mais nada das

polícias. Todos estão certos de que o tigre não poderia ser domado. Para pegar Lampião, diz um poeta matuto, nem frade de boa vida, nem cem mulheres enxeridas, nem as prosas dos doutores, nem vinte governadores, nem um bamba da nação; para pegar Lampião só mesmo Nosso Senhor. E a fôrça dêle cresceu tanto que outro cantador chega a dizer: "Para haver paz no sertão, e as môças poder prosar e rapaz poder casar e o povo poder se rir e as meninas se divertir, é preciso uma eleição para fazer Lampião governador do Brasil", mas outro cantador diz admiràvelmente: "Ninguém assuba de mais, que de cima ninguém vê. Depois que a vista falta, de uma queda muito alta, se arrisca o homem a morrer". Lampião tinha, de fato, subido demais, ou descido demais. Lá um dia um tenente da fôrça pública de Alagoas conseguiu pegar de jeito uma das "Serpentes de asas" de Lampião que estava na fazenda Angicos, numa furna impenetrável. Dispunha o tenente de gente bem armada. E apertaria o cêrco assim que rompesse a madrugada. Já cantava um galo no acampamento das feras. O tenente dominou-se e aguardou o momento exato. As névoas da manhã se desfaziam. Aí êle viu a menos de cem metros, Lampião deixar a sua barraca, espreguiçando-se para a manhã. Maria Bonita estava ao seu lado. Abriram então o fôgo das metralhadoras em cima das barracas, tiroteiram alguns minutos. E veio um grande silêncio. O tenente estava ferido levemente. E lá em baixo, na furna, estavam estendidos Lampião e onze cangaceiros. Maria Bonita varada de balas. Então o tenente,

num ato que abalou a nação indignada, cortou a cabeça de todos os mortos e saiu com elas em cima de um caminhão metidas em latas de querosene com álcool numa exposição sinistra a correr as estradas do sertão espavorido. Dois dias depois o cangaceiro Corisco que escapara do cêrco foi à casa do coiteiro traidor e matou tôdas as pessoas da família, degolando-as. E mandou as cabeças decepadas num saco de presente ao delegado de Mata Grande. Todo o país arrepiou-se com cenas de tanto barbarismo. Lampião morrera como sempre matara, sem piedade, e com raiva diabólica. Os poetas sertanejos não pararam. Um dêles não conteve a sua dor e saiu-se assim: "A viola está chorando, está chorando com razão, soluçando de saudade, gemendo de compaixão. Degolaram o Virgulino. acabou-se Lampião". E lá vem a recordação do tigre. "Seu fuzil não tinha igual, em qualquer ocasião. Cada tiro era um defunto, não errava o alvo não, seu pau de fogo valia muito mais que um canhão, tinha o barulho do mar e rapidez do trovão".

Com Lampião extinguia-se o banditismo nômade, o cangaceiro armado em grupo, o flagelo sôlto de canga e corda como castigo de Deus. As estradas de rodagens, os automóveis, as armas modernas, uma justiça melhor transformaram o sertão bárbaro em zonas de vida mais segura, de paz mais duradoura. Não é mais possível outro Lampião no Nordeste Brasileiro.

ÍNDICE

Págs.

I 3

II 7

III 11

IV 15

V 19

VI 23

VII 27

VIII 31

40 —	RIMBAUD	Uma Estação no Inferno
41 —	SÍLVIO NEVES	Postais Inglêses
42 —	JOÃO NEVES DA FONTOURA . .	Poeira de Palavras
43 —	JOSUÉ MONTELO	Fontes Tradicionais de Antônio Nobre
44 —	ÁLVARO LINS	No Mundo do Romance Policial
45 —	STEFAN BACIU	Servindo à Poesia
46 —	LUÍS SANTA CRUZ	Poética Menor
47 —	MIGUEL PARANHOS DE RIO BRANCO	Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750
48 —	SÉRGIO PÔRTO	Pequena História do Jazz
49 —	WILSON LOUSADA	O Caçador e as Raposas
50 —	ALFREDO MARGARIDO *e* C. E. COSTA	Doze Jovens Poetas Portuguêses
51 —	OTTO MARIA CARPEAUX	Respostas e Perguntas
52 —	ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS	Portuguêses e Brasileiros na Guiana Francesa
53 —	THEODORE HARNPERCER	Os Estados Unidos Através de sua Literatura
54 —	EURICO NOGUEIRA FRANÇA . .	A Música no Brasil
55 —	DANTE ALIGHIERI	Três Cantos do Inferno
56 —	EVARISTO DE MORAIS FILHO .	Francisco Sanches na Renascença Portuguêsa
57 —	LOURIVAL GOMES MACHADO . .	Teorias do Barroco
58 —	ALMEIDA FISCHER	A Ilha e Outros Contos
59 —	CASSIANO RICARDO	A Poesia na Técnica do Romance
60 —	ROBERTO ALVIM CORRÊA . . .	Hebe ou da Educação
61 —	LUÍS COSME	Horizontes de Música
62 —	CELSO KELLY	Três Gênios Rebeldes
63 —	RUBEM BRAGA	Três Primitivos
64 —	MANUEL BANDEIRA	De Poetas e de Poesia
65 —	ADONIAS FILHO	Jornal de um Escritor
66 —	JOSÉ FERNANDO CARNEIRO . .	Apresentação de Jorge de Lima
67 —	FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA	Testamento de Mário de Andrade
68 —	ANISIO TEIXEIRA	A Universidade e a Liberdade Humana
69 —	PEREGRINO JUNIOR	O Movimento Modernista
70 —	AFRÂNIO COUTINHO	Por uma Crítica Estética
71 —	PEDRO DE BOTELHO	3 Fragmentos
72 —	OLÍVIO MONTENEGRO	Ensaios
73 —	PAULO RONAI	Roteiro do Conto Húngaro
74 —	EDGARD CAVALHEIRO	Evolução do Conto Brasileiro
75 —	ROBERTO MENDES GONÇALVES .	O Barão Hubner na Côrte de São Cristóvão
76 —	EDGARD CAVALHEIRO	A Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto
77 —	MANUEL BANDEIRA	50 Poemas Escolhidos pelo Autor
78 —	SÉRGIO MILLIET	Três Conferências
79 —	GILBERTO FREYRE	Reinterpretando José de Alencar
80 —	GILBERTO FREYRE	Manifesto Regionalista de 1926

Fonte da digitalização (PDF):
Biblioteca Machado de Assis, Imprensa Nacional
https://biblioteca.in.gov.br

Sobre a coleção "Os Cadernos de Cultura", vide
"Os CADERNOS DE CULTURA", *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro,
8 mar. 1952, 2.º Caderno, p. 3, seção Vida Literária,
http://memoria.bn.gov.br/DocReader/089842_06/15769

PDF original reeditado em
Scan Tailor (scantailor.org), Photoshop, Acrobat XI Pro